

portugalidade

Edição n.º 10 | novembro 2024

m a g a z i n e

Encargo comercial da responsabilidade da Litográfis - Artes Gráficas, Lda. Não pode ser vendido separadamente | Distribuição gratuita e bimestral

MEMÓRIA | TURISMO | PATRIMÓNIO

LEGADO JUDAICO EM PORTUGAL

TOMAR

O tesouro dos Templários.



visit-tomar

 **TOMAR**
HEREAGE TEMPLAR

Sinagoga de Tomar - a única construída de raiz que perdura em Portugal.
Um legado do tempo e de fé.



EDITORIAL

Esta é a décima edição da Portugalidade Magazine. Um número redondo, ainda recente mas assinalável, sobretudo por quem faz as coisas com gosto, com dedicação, profissionalismo e integridade. É esse o compromisso que aqui deixo para as próximas dez edições, em nome desta equipa que produz e leva até si os conteúdos desta revista.

E assim, um ano volvido, recuamos novamente no tempo para explorar um capítulo fundamental da nossa história: o legado judaico em Portugal. Desde os tempos medievais até aos dias de hoje, a presença judaica no nosso território deixou marcas indelévels que atravessaram séculos e que continuam a moldar a nossa identidade cultural.

Os judeus sefarditas da Península Ibérica, reconhecidos pelo seu brilhantismo nas ciências, nas letras e nos negócios, foram protagonistas de avanços notáveis na medicina, na astronomia e na navegação. É impossível dissociar os feitos dos Descobrimientos Portugueses desse contributo, cuja presença em cortes e academias impulsionou o conhecimento e a inovação.

Porém, a promulgação do Édito de Expulsão em 1496 e a posterior Inquisição colocaram Portugal numa posição contraditória. Se, por um lado, o país se beneficiou imensamente das contribuições judaicas, por outro, foi palco de uma perseguição atroz que tentou apagar a sua memória cultural e religiosa. Mas a História é resiliente. Os costumes judaicos sobreviveram em disfarces engenhosos, como a alheira, símbolo de resistência e criatividade, ou nos apelidos e

topónimos que carregam ecos de um passado que se recusou a ser silenciado.

Já no século XX, Portugal desempenhou um papel de redenção. Durante a Segunda Guerra Mundial, o país abriu as suas portas a milhares de judeus em fuga do Holocausto. Aristides de Sousa Mendes é um exemplo heroico dessa época, desafiando ordens para salvar vidas, um ato de coragem que hoje o inscreve no Memorial do Holocausto, Yad Vashem, como “Justo entre as Nações”.

Hoje, Portugal não apenas celebra, mas resgata e promove o seu património judaico. De norte a sul, encontramos sinais desse legado em sinagogas restauradas, bairros históricos e em novas iniciativas que homenageiam a memória e a contribuição deste povo. A atribuição da nacionalidade portuguesa aos descendentes dos judeus sefarditas expulsos é um gesto de justiça histórica, mas também um convite a fortalecer os laços entre culturas e gerações. No entanto, o presente lembra-nos constantemente que o antissemitismo e a intolerância ainda persistem em várias partes do mundo. Num contexto de conflitos e tensões geopolíticas, é imperativo que reafirmemos os valores universais de solidariedade e respeito pelos direitos humanos.

Celebrar o legado judaico em Portugal é, antes de tudo, um exercício de memória e de compromisso com os melhores valores que definem a humanidade. Que esta herança nos inspire a continuar a construir pontes entre culturas e a promover o diálogo e a compreensão mútua.

ÍNDICE

Legado Judaico em Portugal

- 4 Comunidade Judaica do Porto
- 6 Bragança
- 9 Vimioso
- 10 Mogadouro
- 12 Belmonte
- 15 Almeida
- 16 Vila Nova de Paiva

Património Agrícola

- 20 Boticas

Formação Aeronáutica

- 27 AWA

Festas do Solstício de Inverno

- 30 Miranda do Douro
- 31 Mirandela

A ORGANIZAÇÃO JUDAICA MAIS FORTE DA EUROPA, DO PONTO DE VISTA CULTURAL, VIVE EM PORTUGAL

Por Gabriela Turkenitch
Cantergi



No coração da comunidade judaica do Porto, uma natural de Brooklyn é carinhosamente chamada de “a chefe”. Aos 95 anos, Marilyn Flitterman frequenta regularmente a sinagoga central, toca piano num grupo de jazz e dirige seu automóvel conversível todos os dias. Ela é uma inspiração para uma comunidade que permaneceu adormecida durante quase um século, mas que, em pouco mais de uma década, passou por uma regeneração em termos religiosos, culturais, educacionais e filantrópicos. Flitterman conta o que viu quando chegou ao Porto em 1970: “Em vez de um milhão de judeus, havia a minha família, mais três ou quatro famílias, só isso”.

A sede da comunidade judaica do Porto, uma das sinagogas mais majestosas da Europa, de nome Kadoorie Mekor Haim, é hoje conhecida pelo Yom Kippur que celebra todos os anos, com quase mil pessoas gritando como uma só. Membros de trinta nações e muitos jovens animam esta atmosfera maravilhosa. Uma escritora judia que já visitou comunidades de cinquenta e cinco países expressou por escrito o que sentiu após uma cerimónia de Yom Kipur no Porto: “Escrevi a vários amigos e familiares para lhes contar o quanto estava profundamente comovida. Acho que nunca ouvi orações e cantos tão apaixonados antes em uma sinagoga. Não foi apenas o poder das vozes orando em uníssono que me comoveu tão profundamente, foi também o simbolismo de tantos judeus reunidos numa sinagoga em um país fortemente impactado pela Inquisição.”

O ponto mais forte da comunidade é no entanto o seu trabalho na promoção da cultura e do conhecimento da história judaica. O “Dia Europeu da Cultura Judaica”, celebrado há duas décadas no primeiro domingo de Setembro

de cada ano, adquiriu maior visibilidade a partir do momento em que a Comunidade Judaica do Porto decidiu celebrar a ocasião, mostrando uma vida judaica plena: sinagogas, museu do Holocausto, museu judaico, cinema, filmes de História, galeria de arte, restaurantes kosher,

um coro litúrgico, conferências, lançamento de livros e muito mais.

Não é habitual uma comunidade judaica deter um museu do Holocausto, ainda mais um espaço que nos primeiros três anos acolheu 150 mil adolescentes de um país que não conta mais de um milhão. Portugal manteve-se neutral durante a Segunda Guerra Mundial e é mais conhecido por ter forçado os judeus ao baptismo e pela Inquisição que vigorou entre 1536 e 1821. A história da humanidade nunca conheceu uma perseguição tão prolongada devido a uma causa tão inocente.

A comunidade ergueu um museu judaico para relembrar a importância dos judeus na fundação e no desenvolvimento do reino português. Também a queda do poder imperial é lembrada com a exibição de objetos que mostram o quanto os judeus de origem portuguesa favoreceram e enriqueceram os países onde se radicaram, em prejuízo do país que os não desejou. Um raro objeto exposto no museu - a «Meguilá Purim Sebastiano» - refere a participação dos judeus na derrota de Portugal em Alcácer-Qibir, que levou até à perda da Independência do reino, uma vez que não desejavam ser convertidos ao cristianismo outra vez.

Sobre a Inquisição, a comunidade produziu um filme intitulado 1618, cujos direitos foram vendidos a companhias aéreas de países árabes e muçulmanos e à Samuel Goldwyn Films nos Estados Unidos. Porém, a organização mostrou-se insatisfeita quando os monopólios de distribuição na indústria cinematográfica provaram que

não é possível a todos terem acesso fácil ao filme, pondo em causa o objetivo de promover a história judaica em todas as suas dimensões.

O mais recente filme documentário da comunidade – 1506 – O Genocídio de Lisboa é gratuito e está disponível no YouTube e no Vimeo em inglês, francês, espanhol, português e hebraico. Na legenda final desta obra cinematográfica pode ler-se que o massacre “não é mencionado nos currículos escolares e foi esquecido”.

Falando sobre o memorial do museu judaico, onde estão inscritos os nomes de quase mil pessoas perseguidas pela Inquisição no Porto, Rothwell explica que “a vítima mais nova tinha dez anos, a mais velha 110. Muitos Espinosas têm os seus nomes neste memorial, com datas. Alguns anos depois, Baruch Espinosa nasceu em Amsterdão”.

A comunidade trabalha juntamente com escolas de todo o país. Os museus não cobram entrada e muitas vezes a organização custeia o transporte das crianças em idade escolar, que de outra forma não teriam condições de pagar a viagem.

Ambos os espaços museológicos desempenham um importante papel no domínio nacional, assim como a sua galeria de arte, a maior biblioteca judaica da Península Ibérica e outros equipamentos culturais. Os filmes de história, por outro lado, visam atingir o público internacional.

A inauguração do cemitério judaico do Porto, em 2023, foi um acontecimento de imenso simbolismo. Os espaços verdes ali encontrados, incluindo um que lembra o Monte das Oliveiras, chama-se Campo da Igualdade Isaac Aboab, numa referência à maior autoridade judaica do mundo quando os judeus foram expulsos da Espanha.

O rei da época, D. João II, com o objectivo de tornar rentável a hospitalidade que Portugal forneceu aos judeus castelhanos, exigiu a cada pessoa a soma de oito cruzados, então o equivalente à fortuna de um homem rico, sob pena de ser escravizada. Muitos não conseguiram pagar e as consequências não se fizeram esperar.

Em 1493 o rei ordenou o rapto de 2000 crianças judias de origem espanhola com menos de oito anos de idade e enviou-as com criminosos empedernidos para a ilha africana de São Tomé, a 7.500 km de Lisboa. Estes foram os factos. Agora a comunidade judaica do Porto está a produzir o documentário As 2000 Crianças Judias Exiladas que terá estreia mundial nos próximos meses.

A comunidade publicou no ano passado, o ano do seu centenário, o livro Dois Milénios da Comunidade Judaica do Porto, Cronologia 1923-2023 que explica a história de uma comunidade milenar que um dia foi obrigada a abandonar

o território e que foi oficialmente refundada em 1923.

A sinagoga central foi erguida na década de 1930 graças a doações da comunidade sefardita mundial e aos esforços de um capitão do exército português – Barros Basto – que foi expulso do exército em 1937 por ter circuncidado alguns dos seus alunos, um ato considerado imoral pelo tribunal militar. Estes factos valeram ao visado o cognome de “Dreyfus português”, dadas as semelhanças entre o seu caso e o do francês Albert Dreyfus, ambos contemporâneos, ambos judeus, ambos capitães, ambos separados de serviço em processos sórdidos montados a partir de denúncias anónimas.

A comunidade judaica a que aquele oficial do exército português deu um cunho oficial era toda ela ashkenazita, composta por famílias com memórias traumáticas dos pogroms do Leste da Europa, e que consideraram a perseguição ao seu líder secular como um sinal de que os tempos eram perigosos. A comunidade e a grande sinagoga quase passaram à clandestinidade. Foi um tempo de dor e de luto que se arrastou por décadas. Vale a pena ver um filme baseado em factos reais, Sefarad, que a comunidade produziu em 2019 e que está disponível no YouTube. Da expulsão à refundação oficial da comunidade, das dinâmicas próprias dos ashkenazitas às viagens de Barros Basto à procura de marranos, das discussões em Londres até à visita de judeus de Hong Kong que pretendiam dar o seu nome à grande sinagoga do Porto, do julgamento do capitão até ao renascimento da comunidade no século XXI, aquele filme mostra muito de um mundo, o judaico, e de uma cultura, a judaica, que há séculos estão ocultos em Portugal.

*Artigo gentilmente cedido pela Comunidade Israelita do Porto, publicado originalmente em Portugal no DN

BRAGANÇA E A MEMÓRIA SEFARDITA



Norteados pelo estímulo da recuperação da memória e da identidade Sefardita, o Município de Bragança criou dois equipamentos fundamentais da sua vida cultural: o Centro de Interpretação da Cultura Sefardita do Nordeste Transmontano (CICS) e o Memorial e Centro de Documentação – Bragança Sefardita (Memorial Sefardita), situados na Rua Abílio Beça, simbolicamente chamada de “Rua dos Museus”.

Desde a idade média, reinado de D. Dinis, que a cidade de Bragança acolheu comunidade judaica. À data da expulsão de Espanha em 1492, Bragança terá recebido cerca de 3 000 pessoas que vieram dinamizar o crescimento económico e o ambiente social da cidade. Fábricas de seda, trabalho de curtumes (junto ao rio Fervença), diversas atividades artesanais e lojas comerciais foram, assim, criados. A Rua dos Gatos é um dos locais que terá acolhido a judiaria.

Com a passagem ao tempo dos cristãos-novos, Bragança tornou-se um dos esteios nacionais de uma peculiar realidade de criptojudaísmo: o marranismo português despontou não só na cidade como no distrito. Durante o tempo da Inquisição, centenas de cristãos-novos de Bragança foram processados por judaísmo.

O Centro de Interpretação da Cultura Sefardita do Nordeste Transmontano, inaugurado em 2017, é um espaço destinado à preservação das vivências das comunidades judaicas que, durante séculos, residiram e trabalharam na região transmontana e cuja memória, ainda hoje, perdura muito viva. Com arquitetura de Eduardo Souto de Moura e Joaquim Portela e com a investigação da Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste” (Universidade de Lisboa), o núcleo museológico expande-se por dois pisos.



O percurso expositivo, sob tema “Judeus sefarditas do Nordeste Transmontano: uma viagem no tempo e ao fundo da consciência social”, procura mostrar o peso da História Sefardita no território transmontano.

A narrativa começa no piso de entrada, com a homenagem aos historiadores, antropólogos, etnólogos e geógrafos que dedicaram parte dos seus estudos ao estudo sobre os sefarditas do Nordeste Transmontano. Destacam-se autores como Francisco Manuel Alves (o Abade de Baçal), Orlando Ribeiro, José Leite de Vasconcelos, entre muitos outros.

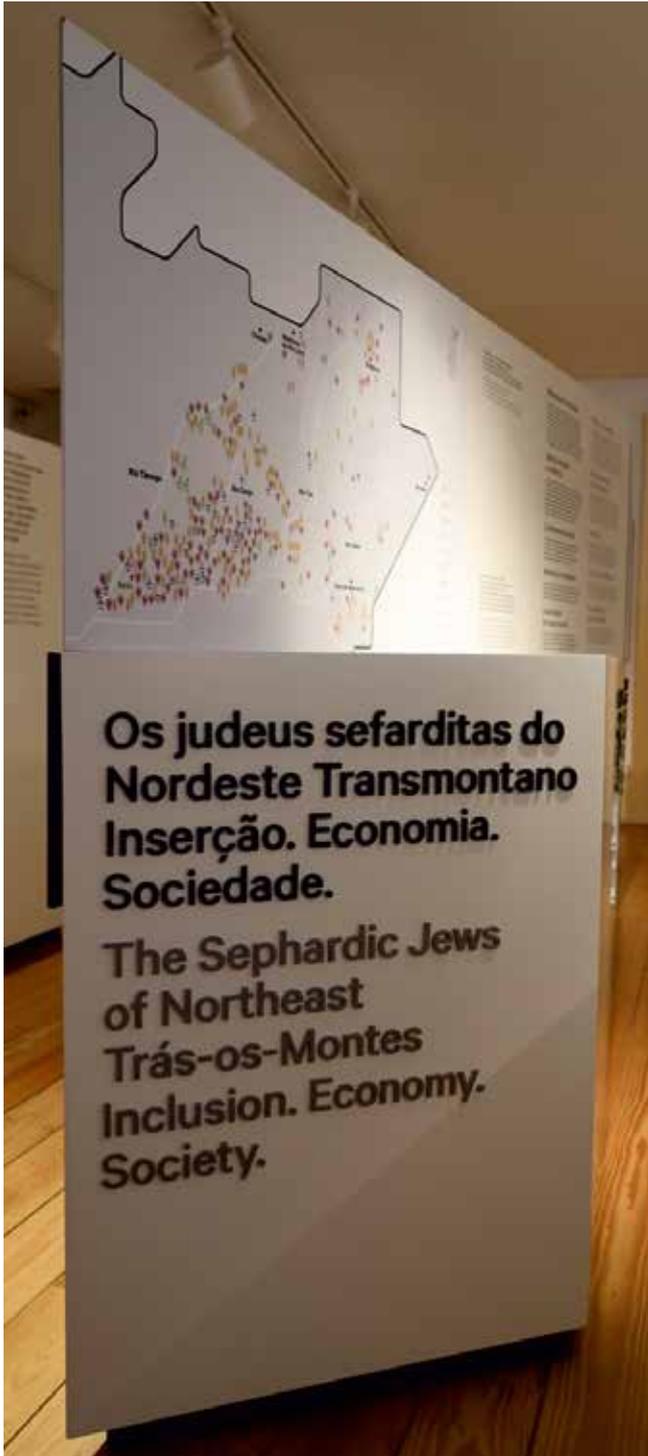
O piso 1 explora a presença desta comunidade em território português, abordando a sua importância no desenvolvimento económico da região, assim como o peso e lugar das dinastias financeiras brigantinas na Época Moderna.

Muitas personalidades, com influência internacional, tiveram origem brigantina e estão aqui destacadas, como Isaac Oróbio de Castro, Jacob de Castro Sarmiento e o pai do célebre pintor impressionista Camille Pissarro, Abraham Gabriel Pissarro. O último andar é inteiramente dedicado à Inquisição, num quadro profundamente imersivo.

Já o Memorial Sefardita complementa e dialoga com o CICS.

Numa abordagem mista - material e virtual - o espaço conta com uma pequena sinagoga, onde o visitante é acolhido, mostrando-se, didaticamente, a dimensão religiosa. O lugar da mulher, os ritos e o calendário têm, também, espaço consagrado nos restantes pisos fazendo a ligação à presença e dimensão da vida sefardita na cidade de Bragança. O percurso culmina, no último piso, num espaço dedicado ao estudo e investigação onde se encontra patente um arquivo de memória(s) (digital) e centro de documentação on-line, que serve de mote à reflexão e investigação em torno da presença Sefardita no território.

Com estes dois espaços, Bragança assume-se como motor de saber, conhecimento e cultura, no resgate de memórias que merecem ser registadas para perdurarem no tempo, construindo uma aliança entre o passado e o futuro.



A HERANÇA JUDAICA COMO PARTE INTEGRANTE DA HISTÓRIA DE PORTUGAL



A influência judaica na história de Portugal é incontestável. Prova disso são as manifestações existentes na cultura, na ciência, na própria língua e até nos comportamentos das pessoas. Para além da herança deixada, é perceptível que esta comunidade continua com representatividade no país e que o turismo judaico é bastante explorado.

As comunidades judaicas sefarditas desempenharam um papel essencial no povoamento das terras conquistadas aos mouros e chegaram a ser protegidas pelos reis portugueses, desfrutando de liberdade de culto e de acesso à educação.

Os judeus destacaram-se como homens de negócios, cientistas, escritores, filósofos e médicos, entre outras áreas do conhecimento, contribuindo grandemente para o progresso do país. Entre as figuras notáveis encontram-se o médico real Moisés Navarro, o matemático Pedro Nunes e o médico Garcia de Orta.

No entanto, em 1496, foi decretada a expulsão dos judeus que não se convertessem ao catolicismo. Aqueles que se converteram, para poderem permanecer no país, ficaram conhecidos como os “cristãos-novos”.

Apesar de, com o passar do tempo, a presença judaica ter diminuído em Portugal, os vestígios da sua passagem permaneceram. O país preserva esta herança através de museus judaicos no Porto e em Carção, um Memorial e o Centro de Interpretação da Cultura Sefardita em Bragança. No Estoril, o Espaço Memória dos Exílios explica as razões pelas quais muitos refugiados escolheram as zonas de Cascais e do Estoril para viver no século XX.

Sinagogas, bairros judaicos e judiarias podem ainda ser encontrados em Lisboa, Porto, Belmonte, Évora e no Algarve, sendo que as comunidades judaicas chegaram também a estabelecer-se nos arquipélagos da Madeira e dos Açores.

A presença legal dos judeus em Portugal foi restabelecida em 1912 e desde então a comunidade portuguesa tem vindo a incorporar diversas origens e culturas. Em Lisboa existe uma comunidade judaica de origem marroquina e da Europa Central, em Belmonte, Porto e Lisboa encontra-se um judaísmo criptojudáico, descendente dos judeus que se estabeleceram antes da expulsão de 1496. Em Lisboa, no Porto e no Algarve há também judeus com uma abertura política e económica mais abrangente, vindos de várias partes do mundo, especialmente da América Latina.

O turismo judaico tem sido incentivado em Portugal, prova disso foi, em 2011, a criação da Rede de Judiarias - Rotas de Sefarad, uma associação que pretende, acima de tudo, defender o património urbanístico, arquitetónico, ambiental, histórico e cultural, relacionado com a herança judaica.

A HERANÇA DO MARRANISMO E A RESISTÊNCIA JUDAICA EM VIMIOSO



Carção, uma pequena povoação do concelho de Vimioso, é conhecida como a “Capital do Marranismo”. Começou a desenvolver-se e a ganhar mais importância após o século XV, quando inúmeros descendentes de judeus se refugiaram na freguesia e noutras localidades raianas do município.

A sua maior importância e desenvolvimento deu-se após o século XV, quando muitos descendentes de judeus se refugiaram na localidade e outras aldeias raianas (Carção, Argozelo, Vimioso, Campo de Víboras), dedicando-se sobretudo ao curtimento de peles, indústrias de cola e comércio. Seus habitantes sempre tiveram arte e engenho para fazer face ao isolamento da terra e sair a mercadejar por toda a parte. Há cerca de um século, o Abade de Baçal refere: “Percorrem o distrito de Bragança com venda ambulante de bacalhau, arroz, azeite e outros géneros, comprando, ao mesmo tempo, peles ovinas, bovinas e caprinas”.

O que também surpreende neste povoado, é a forte convicção religiosa na Lei de Moisés, conseguindo manter essa herança judaica, em segredo, por mais de 400 anos, após serem obrigados a converterem-se ao cristianismo.

Foi uma aldeia muito fustigada pela Inquisição, desde metade do século XVII, sabendo-se que o Tribunal do Santo Ofício abriu processos a 228 moradores, quase todos eles acusados de heresia (respeitar o sábado, jejuar no Kipur, participar em práticas judaicas mortuárias, missas secas...) muito dos quais acabando por ser queimados nas fogueiras dos Autos-de-Fé realizados no Terreiro de São Miguel, em Coimbra.

O período, provavelmente o mais negro da comunidade, foi entre 1691 a 1701, considerando-se um massacre da comunidade, com a prisão de pelo menos 130 cristãos-novos, muitos dos quais mortos. Houve Autos-de-Fé em que metade dos penitenciados eram desta localidade, como sucedeu no de 17-10-1694, onde 25 dos 56 penitenciados eram de Carção. Também a 25-11-1696, dos 88 penitenciados, 43 eram de Carção, dos quais 12 foram relaxados em carne. Este ataque a Carção foi de tal forma violento, que o Padre António Vieira (1608-1697) refere que esta devia ser uma das comunidades quase exclusivamente constituídas por cristãos-novos (descendentes dos judeus convertidos à força em 1497). Contudo, apesar desta tremenda devastação, a comunidade revelou uma extraordinária capacidade de resistência à Inquisição, chegando a roubar, das paredes da igreja matriz, os sambenitos dos condenados à morte

pela Inquisição (em 1737), que este tribunal ali mandou pendurar para exemplo. Sabe-se que, no século XVIII, chegaram a estar expostos 35 sambenitos.

Já no século XIX, as autoridades católicas davam conta de como a prática judaica florescia, após abolição da inquisição, como é testemunhado pelo pároco de Carção em carta de 2-6-1852, para o bispo de Bragança: “Neste povo grassa desde tempo imemorial uma seita que em tempo da Inquisição era muito oculto, mas de 34 (1834) a esta parte é isso muito divulgado, quero dizer que não se escondem os sectários como outrora; assim há muita gente, que pelo menos in confuso sabem disso... O erro é a seita, ou Lei de Moisés.”

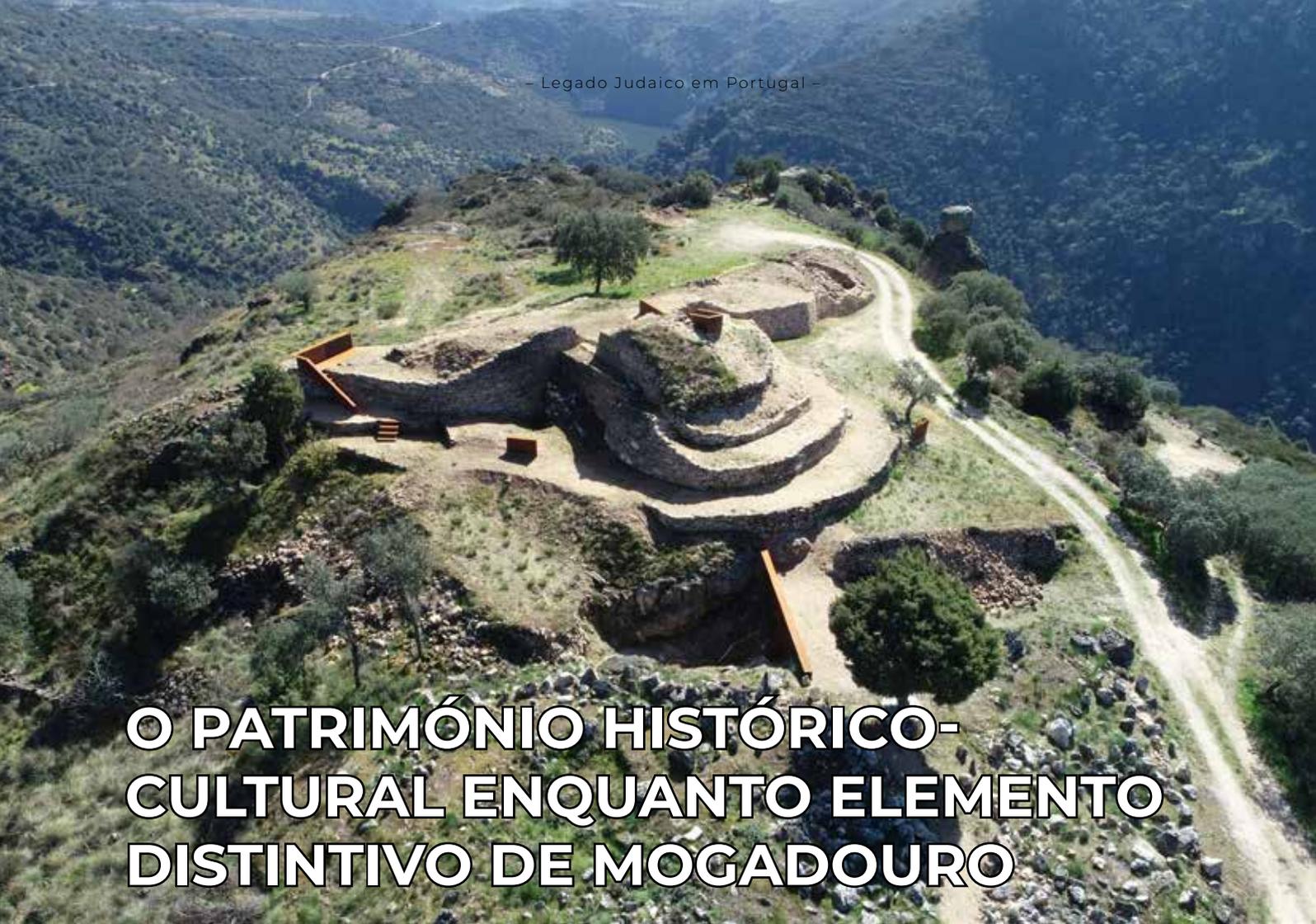
Nesta identidade religiosa marrana que foi evoluindo ao longo dos séculos, escondida em virtude da perseguição, há a memória e a descrição de cerimónias religiosas que celebravam em casas particulares e na capela de Santo Estêvão (fundada em 1661 por 9 cristãos novos) a que davam o nome de missas secas, ou de como celebravam a festa do Kipur com uma romagem para os vinhedos (testemunhado ainda pelo etnólogo Abade de Baçal nos anos 20 dos Século XX, bem como outros cultos).

Passados 500 anos sobre a expulsão e posteriormente conversão forçada, continuam a ser muitos os vestígios desta comunidade.

A população constrói o Museu Marrano, em homenagem a toda a comunidade, onde podemos ver alguma dessa herança, tais como vários cruciformes, passeriformes, o Leão de Judá, o memorial às 228 pessoas vítimas da inquisição, algumas orações ditas no Século XVII, o Agus Dei com símbolos judaicos numa das faces, considerada por muitos a “Joia do Marranismo em Portugal”. Muito recentemente, no centro da Praça, foi erguido também um monumento, uma grande Menorah para assinalar essa forte e importante presença judaica.

Devido a alguns dos factos históricos e físicos aqui descritos, hoje, Carção é tida como “A Capital do Marranismo” e a comprová-lo está o livro escrito por António J. Andrade e Maia Fernanda Guimarães, 2008.

www.cm-vimioso.pt



O PATRIMÓNIO HISTÓRICO-CULTURAL ENQUANTO ELEMENTO DISTINTIVO DE MOGADOURO

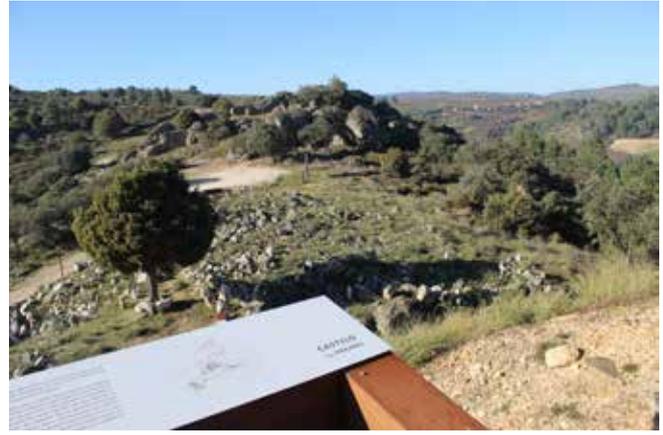
O município de Mogadouro tem vindo a desenvolver e a promover projetos e ações de valorização e salvaguarda do Património Histórico-Cultural. O objetivo passa por garantir, aos residentes e a quem visita o concelho, que é possível usufruir do legado deixado pelas gerações anteriores.

A valorização e a salvaguarda do património cultural deve ser entendida como uma mais-valia para a preservação dos valores materiais e imateriais, bem como para o desenvolvimento de uma economia sustentável. A reabilitação deste ativo requer que seja efetuada por um conjunto diversificado e especializado de profissionais da arquitetura, arqueologia, engenharia, conservação, restauro e construção, entre outros. O desenvolvimento de projetos e de ações que tenham como principal objetivo a salvaguarda permitirá disponibilizar um recurso endógeno valorizado, de extrema relevância, para promoção do território, tornando-o assim num polo de atratividade turística, porque quem valoriza a sua cultura está a valorizar-se.

Assim, de forma a concretizar este intento, o município de Mogadouro concretizou a ação material de valorização e conservação do Castelo dos Mouros de Vilarinho dos Galegos, integrada no projeto “Valorização e Conservação do Castelo dos Mouros e Castelo de Oleiros – Rede de Castros”. A segunda fase deste projeto, que culminou

com a inauguração no dia 30 de abril de 2023, permitiu que fossem executados os trabalhos de conservação e restauro, assim como da colocação das estruturas de apoio, que tornaram este espaço visitável e mais entendível. Desta forma foram proporcionadas as condições necessárias para uma contínua valorização deste sítio, com especial valor arqueológico e também natural, que permite desenvolver, de forma responsável e sustentável, atividades culturais e recreativas agregadas às estruturas sociais e económicas. No mesmo projeto foram executados os trabalhos de conservação e restauro de duas secções da muralha e o levantamento topográfico do terreno e das estruturas visíveis do Castelo de Oleiros de Urrós e Bemposta.

Ainda, no âmbito desta iniciativa, foram colocados, em ambos os locais arqueológicos, um sistema de contagem de visitantes. A ação está integrada numa solução tecnológica de divulgação e promoção da Rede de Castros, que se pretende que venha a extrapolar as fronteiras geográficas de Mogadouro.



A PRESERVAÇÃO DO ESPÓLIO DE MOGADOURO

Um outro projeto, que tem vindo a revelar a riqueza patrimonial existente, denomina-se “História a Fresco – Rota da Pintural Mural” e é promovido pela Associação de Municípios do Baixo Sabor. Na área geográfica de Mogadouro foram contemplados os seguintes edifícios religiosos: Igreja de Santa Maria de Azinhoso, Capela do Santo Cristo de Bemposta, Capela do Divino Senhor da Fraga de Castro Vicente, Capela do Divino Senhor dos Aflitos, Igreja Paroquial de S. Martinho do Peso e Igreja Paroquial de Travanca. Esta iniciativa contemplou ações de conservação e restauro das pinturas murais, de alguns dos retábulos e na colocação de estruturas que permitam uma maior acessibilidade a estes bens culturais, por forma a garantir o direito de usufruto do Património Cultural a todos os cidadãos, conforme previsto na Constituição da República Portuguesa.

Na lógica da salvaguarda e da promoção da diversidade que compõe o acervo histórico e cultural, o município decidiu avançar com o desenvolvimento do projeto do futuro Museu de Mogadouro. O intuito é que o novo núcleo museológico seja um espaço de compromisso com o território, sobre o qual deve focar a missão de promover, divulgar e despertar a curiosidade do público, por forma a estabelecer uma ligação afetiva entre o objeto (entenda-se o território nas suas componentes materiais e imateriais humanas e ambientais) e a comunidade.



Nele estará patente uma temática expositiva e pedagógica centrada na ocupação humana, desde a Pré-História até à contemporaneidade, e da sua relação com o meio ambiente, num âmbito geográfico centrado no atual território mogadourense contextualizado na região onde se insere. Será composto por um acervo de índole arqueológica, de arte sacra e etnográfica, que permita dar a conhecer a riqueza histórica e cultural de Mogadouro, aos moradores e visitantes.

Para além dos projetos referidos, o município tem também como linha de ação a execução de trabalhos que visam a manutenção e conservação do património cultural. No seguimento, efetuou trabalhos de reparação e conservação da Torre da Igreja do Convento, pôs em prática ações de valorização e promoção de diferentes locais arqueológicos, em estrita colaboração com as respetivas Juntas de Freguesia.

A IMPORTÂNCIA DA PROTEÇÃO DOS IMÓVEIS

O regime jurídico português prevê a classificação dos imóveis nas categorias de nacional e público, para os quais a sua proteção é de importância nacional. A respetiva classificação determina que certo bem possui um inestimável valor cultural. Neste sentido, foi determinada a classificação do Castelo dos Mouros de Vilarinho dos Galegos como “Sítio de Interesse Público” e no âmbito local foi determinada a classificação de “Sítio de Interesse Municipal” a Muralha do Castelo de Bemposta.

Considerando que o Património Cultural Imaterial, e aqui importa referir que por património imaterial entende-se todas as práticas, sejam culturais, religiosas, rituais, de artes e ofícios, herdadas dos nossos antepassados e legadas aos nossos descendentes. Enquadrável na referida tipologia, o Chocalheiro de Bemposta foi declarado como Património Imaterial de Interesse Municipal, assumindo assim toda a comunidade mogadourense um papel de responsabilidade acrescida na salvaguarda, ou seja, na continuidade e originalidade desta importante manifestação da identidade cultural de Mogadouro.

www.mogadouro.pt

O LEGADO DA HERANÇA JUDAICA EM BELMONTE



Em data, que ainda permanece obscura, mas que se situa na Idade Média, terão chegado a Belmonte os primeiros judeus.

Este momento não está documentado, mas a existência de uma pedra epigráfica, que hoje se pode ver no Museu Judaico de Belmonte, atesta que em finais do século XIII, existia uma sinagoga.

A pedra a que nos referimos foi encontrada numa casa em Belmonte, pelo investigador Francisco Tavares Proença Júnior decorria o ano de 1910. De acordo com os proprietários da mencionada casa, a dita pedra teria sido recolhida numa antiga ermida dedicada a São Sebastião numa Praça, com o mesmo nome, onde hoje se situa o edifício do Julgado de Paz de Belmonte.

Após a conversão forçada dos judeus, a seguir ao édito de expulsão de 1496, proclamado pelo Rei D. Manuel I, o culto judaico foi proibido e as sinagogas foram fechadas e a maior parte delas convertidas em templos católicos, tal como já o haviam sido os templos islâmicos após a Reconquista Cristã.

Atribui-se a Samuel Schwarz, engenheiro de minas que veio dirigir as Minas da Gaia, a descoberta da comunidade judaica de Belmonte para o Mundo, nos primeiros anos do século XX.

Quando Samuel Schawrz chega a Belmonte e visita o Museu Tavares Proença Júnior em Castelo Branco, depara-se acidentalmente com aquela pedra epigráfica que traduz e data de 1297. A inscrição hebraica da magnífica pedra é um versículo da Bíblia

(Liber Habakuk: 2,20), que quer dizer: “E Adonai no seu templo sagrado, emudece perante Ele toda a sua terra”.

Após a instauração do Santo Ofício, em Belmonte, os cristãos-novos viviam e conviviam com a restante população, Este clima de tolerância pode observar-se nas palavras de Isabel Rodrigues, moradora em Belmonte, acusada de ser cristã-nova, que declarou, ao ser ouvida, em 1604, pelos inquisidores do Santo Ofício: “Por isso me prendem? Pois em Belmonte todos nós lá dizemos isso diante de clérigos e juízes e mais não nos vão à mão nem o estranham”.

Durante o Estado Novo, o movimento de resgate para judaísmo oficial, iniciado na I República, perdeu força. Só após a Revolução do 25 de Abril, os judeus puderam regressar ao culto do judaísmo oficial. Nos 80 do século XX, fundaram uma comunidade e posteriormente edificaram uma sinagoga e um cemitério.

Belmonte é hoje um destino de eleição do turismo judaico em Portugal e motivo de investigação e estudo acerca do modo de vida e crenças dos cristãos-novos, nomeadamente sobre o motivo pelo qual uma comunidade de judeus conseguiu sobreviver às diversas vicissitudes históricas.

www.cm-belmonte.pt



O ANTIGO BAIRRO JUDAICO DA GUARDA

A presença judaica na Guarda está documentada desde o século XIII e seria uma das mais importantes da Beira Interior. Localizava-se na Paróquia de S. Vicente, no interior do perímetro amuralhado, próximo dos principais eixos viários da cidade medieval, nomeadamente a Rua de S. Vicente, a antiga Rua Direita e o Largo de S. Vicente, locais de grande circulação, que permitiam e facilitavam o desenvolvi-

mento da atividade comercial dos membros desta comunidade. Uma das referências mais importantes era a Sinagoga, instalada numa habitação aforada ao monarca. Lá se desenrolavam algumas das atividades mais importantes da comunidade, sendo a sinagoga o cenário das práticas religiosas, mas onde também podiam ocorrer atividades de cunho educativo ou até judicial.



A HOMENAGEM DE CARREGAL DO SAL A ARISTIDES DE SOUSA MENDES

O município de Carregal do Sal inaugurou, este ano, o Museu Aristides de Sousa Mendes, na casa que o viu nascer, em Cabanas de Viriato. Este momento aconteceu, precisamente, no dia em que se assinalaram os 139 anos da data de nascimento do Cônsul-Geral de Portugal em Bordéus, que libertou milhares de judeus da perseguição nazi.

O Museu Aristides de Sousa Mendes é o reflexo dos valores da tolerância e da paz, pois perpetua o legado e a memória de um aclamado diplomata. O espaço torna acessível o extenso acervo da família Sousa Mendes e inspira os visitantes para a mudança, uma vez que surge como um símbolo de Direitos Humanos e consciência moral.

A exposição permanente foca-se nas ações humanitárias do Cônsul durante a Segunda Guerra Mundial, destacando a Casa do Passal, “carinhosamente chamada pela população a Casa do Doutor Aristides”, como “local de memória” e símbolo do seu legado social e político. A mostra inclui a história da habitação e da família, a carreira de Aristides, o contexto histórico e político até ao êxodo de 1940, o seu julgamento e reabilitação, bem como homenageia outros portugueses que também salvaram judeus durante aquele período.

Segundo a Câmara Municipal de Carregal do Sal, são “memórias perpetuadas agora num local emblemático” que “retrata a vida, o Homem e, em particular, o ato de heroísmo e o impacto do mesmo na história nacional e internacional”.

O imóvel, construído no século XIX e ampliado nas primeiras décadas do século XX, pauta-se pela imponência e pelos traços marcadamente franceses. Com três pisos retangulares, uma varanda no andar nobre e brasão de família, o edifício foi classificado, em 2011, como Monumento Nacional, e “foi sendo alvo de pequenas e grandes intervenções”, ao longo do tempo.

Aristides de Sousa Mendes nasceu, a 19 de julho de 1885, em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, licenciou-se em

Direito, pela Universidade de Coimbra, e seguiu a carreira diplomática desempenhando funções em vários países.

No início da Segunda Guerra Mundial, ocupava o cargo de Cônsul-Geral de Portugal em Bordéus e, em junho de 1940, devido ao avanço das tropas alemãs em território francês, salvou milhares de judeus e de outros refugiados do regime nazi que para ali se deslocaram, emitindo vistos à revelia das ordens do Governo do ditador António de Oliveira Salazar, para que pudessem atravessar Espanha e entrar em Portugal, salvando-os da perseguição. Este nobre ato fez com que perdesse a carreira profissional que estava a construir.

Posteriormente à sua morte, a 3 de abril de 1954, em Lisboa, recebeu várias distinções, das quais se destacam o título de Justo entre as Nações e as honras de Panteão Nacional.



©CM Carregal do Sal

VILAR FORMOSO - FRONTEIRA DA PAZ “MEMORIAL AOS REFUGIADOS E AO CÔNSUL ARISTIDES DE SOUSA MENDES”



...UMA EXPERIÊNCIA DE EMOÇÕES!

Vilar Formoso - Fronteira da Paz “Memorial aos Refugiados e ao Cônsul Aristides de Sousa Mendes”, integrado no projeto da Rede das Judiarias de Portugal – Rotas de Sefarad, é um Centro de Interpretação que homenageia o papel de Portugal no acolhimento de refugiados durante a II Guerra Mundial.

Ao manter a sua neutralidade durante o conflito, Portugal foi um dos raros portos livres da Europa, permitindo o embarque para o outro lado do Atlântico. Por essa razão, e depois da capitulação da França, em junho de 1940, milhares de refugiados chegaram às fronteiras portuguesas. A esmagadora maioria trazia vistos passados por Aristides de Sousa Mendes, cônsul de Portugal em Bordéus. Dividido em seis núcleos, este Memorial tem como objetivo honrar a ação de Sousa Mendes, mas também enaltecer a forma como os refugiados foram então acolhidos pelos locais. A adaptação de dois armazéns ferroviários, utilizando formas e cores específicas, conseguiu de forma exemplar que a “arquitetura” refletisse o conteúdo histórico. Um dos exemplos mais interessantes é a transformação/distorção da forma cúbica onde se insere o primeiro núcleo num corredor escuro, afunilado e hexagonal (Estrela de David, símbolo por excelência do povo judeu). Por outro lado, se o ambiente dos três primeiros núcleos é opressivo, os três seguintes, relativos a Portugal, são mais abertos e acolhedores. O espaço torna-se amplo, luminoso, as

paredes arredondam-se, como um abraço, e o cinza-escuro até aí utilizado nas paredes dá lugar ao azul céu. Para além do enquadramento histórico, este é também um espaço onde se relatam histórias de vida de quem passou por Portugal no seu caminho para a Liberdade.

Desde a sua inauguração em 2017 que as visitas têm vindo a aumentar significativamente, destacando-se os segmentos escolares, grupos organizados e famílias. O espaço já contou com a entrada de 33.703 visitantes de várias nacionalidades, nomeadamente, portuguesa, espanhola, francesa, americana, israelita, brasileira, inglesa, alemã, holandesa, argentina, polaca, canadiana, entre outras.

O legado da herança judaica no concelho de Almeida inclui ainda a Esnoga da Malhada Sorda. Espaço igualmente conhecido como Casa do Relógio, cuja teria sido utilizado como uma sinagoga secreta para celebração de culto.

Mais informações: fronteiradapaz@cm-almeida.pt

www.cm-almeida.pt

NATUREZA E MEMÓRIA NAS “TERRAS DO DEMO”

Integrada na região do Alto Paiva e imortalizada por Aquilino Ribeiro na obra “Terras do Demo”, Vila Nova de Paiva é um concelho rico em património natural e edificado e integra zonas privilegiadas para o lazer, com condições naturais, ambientais, paisagísticas e culturais para desenvolver o Turismo de Natureza aliado ao desporto, mas também o Turismo Religioso – Turismo de Memória.



Centro de Memória Judaica

Como importantes instrumentos de transmissão de cultura, o Museu Arqueológico do Alto Paiva, com o seu acervo de artefactos arqueológicos; o Museu Rural de Pendilhe com a missão de valorizar a memória das alfaías agrícolas, das técnicas e das paisagens rurais da sub-região alto paivense; o Centro de Memórias das Migrações, em Queiriga, espaço de valorização das nossas comunidades da diáspora e a Via Crucis, em Fráguas, um circuito da Via Sacra com as 14 estações; são estruturas responsáveis pela preservação do património material e imaterial do concelho.

O CENTRO DE MEMÓRIA JUDAICA

Com características arquitetónicas únicas, o Centro de Memória Judaica de Vila Cova à Coelheira, pretende demonstrar a presença, em tempos imemoriais, da fé judaica por estas terras, divulgar e preservar o património histórico e cultural e dar a conhecer a história e o território. Perpetuado pelo imaginário popular e pela tradição oral, a memória coletiva refere a existência de uma comunidade organizada com a sua judiaria e sinagoga.

Nesta freguesia desenvolveu-se e progrediu uma grande comunidade judaica que perdurou no tempo. Ainda na década de 30/40 do século passado havia famílias que estavam “proibidas” de pegar nos pálios

nas procissões, mas o pároco da época afirmou que, perante a Igreja, todos são iguais. Na procissão seguinte, alguns homens dessas famílias tiveram esse privilégio, no entanto, passados alguns dias, várias mulheres munidas de vidros entraram na Igreja e raparam os paus dos pálios onde as mãos dos cristãos-novos tinham tocado. Não se sabe se é verdade, mas, são histórias de uma tradição oral que associa a presença judaica a Vila Cova da Coelheira.

Recentemente, o Centro de Memória Judaica de Vila Cova à Coelheira ganhou um novo fulgor com as peças gentilmente doadas por Ken e Rachel Carlson e dois familiares e que muito enriquecem o espólio deste espaço museológico. Relacionadas com a prática da religião judaica e testemunhos das memórias e heranças culturais e históricas identitárias deste povo, é agora possível encontrar neste espaço, vários símbolos – Talit, Tfillin, velas de Shabat, Shofar, Torá, Tanakh, Cálice de Kidush, Pratos de Ceia, Ketuba, Mezuzá.

O Município de Vila Nova de Paiva associou-se às comemorações do Dia Europeu da Cultura Judaica, celebrado no passado dia 1 de setembro, organizando a exposição destas peças no Centro de Memória Judaica, espaço que permite a reflexão sobre a fé, a tolerância, o respeito e o diálogo inter-religioso e que merece uma visita.

Parque Botânico Arbutus do Demo





Centro Trail



Festival da Truta

ONDE O DESPORTO E A NATUREZA SE ENCONTRAM

Um dos projetos emblemáticos do concelho, e um dos mais importantes e significativos entre os desenvolvidos nas últimas décadas, é o Parque Botânico Arbutus do Demo, onde se encontra reunido mais de um milhar de diferentes espécies botânicas, num cenário de deslumbrantes formas, aromas e cores.

Aliando o desporto à natureza, o Município de Vila Nova de Paiva dispõe do Centro Municipal de Trail Running e de diversos percursos pedestres. Estes estão homologados e devidamente sinalizados, com graus de dificuldade distintos e distâncias que variam entre os quatro e os 47 quilómetros e que passam por belas e singulares paisagens e da sua galeria ripícola, por entre levadas e moinhos, com pontes, plataformas de observação da vida selvagem, pelos matos e floresta até às Cortes (edificações de granito que em tempos idos guardavam o gado) pela eira com os canastos, hortas e lameiros.

PR1 - Rota do Paiva



VILA NOVA DE PAIVA À MESA

A gastronomia é uma das áreas que Vila Nova de Paiva tem vindo a promover, valorizando e apostando em certames como a Feira do Fumeiro do Demo, o Festival da Truta, o Festival do Pão e a Feira do Mel, aliados aos vários fins-de-semana gastronómicos que decorrem durante o ano com vista à promoção do que tem definido a sua gastronomia ao longo dos tempos: Trutas de Escabeche, cabrito, borrego, Cozido à Regedora, broa e trigo de ovos cozidos nos fornos comunitários, queijo de cabra e cavacas, são iguarias que têm conseguido gradualmente estimular a economia local e promover o concelho e os seus produtos endógenos.

Feira do Fumeiro do Demo



O DIREITO À NACIONALIDADE PORTUGUESA PARA DESCENDENTES DE JUDEUS SEFARDITAS



O reconhecimento da nacionalidade portuguesa por parte dos descendentes de judeus sefarditas expulsos durante a Idade Média representa um gesto histórico que vai além da mera concessão de um benefício legal. A Lei promulgada em 2015, não apenas oferece um caminho legal para milhares de descendentes de judeus portugueses, mas também simboliza uma tentativa de reparação por séculos de exclusão e perseguição.

Este direito tem gerado um impacto significativo, tanto em Portugal como nas comunidades judaicas ao redor do mundo, trazendo à tona questões sobre identidade, memória e justiça histórica. A Lei da Nacionalidade, de 2015, foi criada com o objetivo de conceder a nacionalidade portuguesa a qualquer indivíduo que comprovasse descendência judaica sefardita, ou seja, de judeus expulsos de Portugal após o Decreto de Expulsão de 1496. Este decreto obrigou os judeus a converterem-se ao cristianismo ou a deixarem o país, num dos capítulos mais sombrios da história portuguesa, marcado pela intolerância religiosa e pela Inquisição.

A decisão de implementar a lei foi, em grande parte, uma tentativa de reparar as injustiças feitas aos judeus sefarditas ao longo da história, reconhecendo a sua contribuição para a cultura e para a sociedade portuguesa. Ao permitir que os descendentes de judeus portugueses adquirissem a nacionalidade, Portugal não apenas oferece um direito legal, mas também um gesto simbólico de reconciliação e reconhecimento histórico.

A lei exige que os candidatos apresentem documentos

que comprovem a sua descendência sefardita, o que normalmente envolve uma pesquisa genealógica detalhada. Além disso, os candidatos devem demonstrar uma ligação efetiva a uma comunidade judaica de língua portuguesa ou com vínculos religiosos. Este último ponto tem sido um dos mais controversos, com o risco de se utilizar a nacionalidade portuguesa, e assim cidadão da União Europeia, para obter benefícios materiais, sem uma verdadeira relação com a cultura ou identidade judaica, o que levanta questões sobre a autenticidade de algumas reivindicações. Por outro lado, existem críticas sobre a exclusão de judeus de outras origens ou a falta de uma verdadeira política de reparação que inclua ações mais concretas para o reconhecimento e preservação do legado judaico em Portugal.

O que a lei realmente simboliza é a tentativa de corrigir, em parte, uma injustiça histórica, mas o futuro da reparação histórica passará não apenas pela continuidade das políticas de cidadania, mas pela educação, pela promoção de um diálogo intercultural e pela preservação do património judaico em Portugal.

MURALHA FERNANDINA, NO PORTO, GANHA NOVA “VIDA” COM SISTEMA DE ILUMINAÇÃO MAIS INTELIGENTE E SUSTENTÁVEL

As imagens noturnas falam por si, e mostram-nos o resultado da nova iluminação LED da Muralha Fernandina, na zona dos Guindais, no Porto. Para além da melhoria óbvia na luminosidade que permite observar a muralha em todo o seu esplendor, estas novas 239 luminárias LED são muito mais sustentáveis e discretas.



De acordo com o comunicado da autarquia, “o troço de fortificação agora intervencionado é um dos poucos remanescentes da antiga cintura de muralhas defensivas da cidade, cuja construção terminou no reinado de D. Fernando. A empreitada, a cargo da empresa municipal Águas e Energia do Porto, teve como objetivo modernizar a iluminação do monumento, reforçar a rede elétrica nas zonas envolventes e melhorar a eficiência energética, a mobilidade e a segurança”.

Diana Del-Negro, arquiteta responsável pelo projeto e especialista em iluminação artificial, com obras de referência em Portugal e no estrangeiro, considera que “a muralha estava iluminada com projetores obsoletos e pouco eficientes e um tipo de iluminação que não valorizava, convenientemente, a imagem do monumento”, sublinhando que neste “novo projeto, estas luminárias foram retiradas, passando a ser possível ter uma vista desobstruída do monumento, tanto durante o dia, como à noite”.

De destacar que toda a obra foi planeada para ser reversível e não danificar o património classificado. Além disso, os equipamentos possuem um sistema de controlo remoto, permitindo controlar os consumos

energéticos e aumentar ou diminuir a quantidade de luz da muralha conforme as necessidades, segundo o comunicado da autarquia.

Com o objetivo de evidenciar a presença da paisagem urbana noturna como um dos elementos mais preponderantes do Porto antigo, este é apenas a primeira fase de um projeto maior. “Até ao século XIX, esta fortificação ameada, com torreões, portas e postigos, moldou o urbanismo e arquitetura do centro histórico. Depois deste projeto, seguir-se-á a intervenção nos troços das escadas do Caminho Novo e do Palácio de S. João Novo.”

A câmara reforça ainda que objetivo principal é, também, melhorar a imagem noturna da cidade, fomentar o interesse pelo seu património e o usufruto noturno dos espaços, utilizando, para o efeito, as mais recentes tecnologias.

Este projeto na cidade do Porto está inserido numa “série de medidas que passam pela produção e partilha de energia renovável, incremento da mobilidade sustentável, aumento da eficiência do edificado, a promoção da poupança energética, investimento em iluminação LED inteligente e uma maior circularidade”.



BOTICAS, A SEDUÇÃO DA MONTANHA

Boticas, concelho de paisagens deslumbrantes e tradições ancestrais, é um destino de eleição para quem gosta de natureza, cultura e gastronomia. Classificado como Património Agrícola Mundial, destaca-se pela autenticidade das suas raízes rurais e por eventos como a XXVII Feira Gastronómica do Porco, que celebra os sabores e saberes desta tão genuína região do Barroso.

Boticas é um concelho marcadamente rural, que tem na Natureza e na sua orografia as principais potencialidades turísticas. É um território de Montanha, caracterizado por desníveis consideráveis entre as aldeias localizadas na parte mais alta do Concelho, nomeadamente Alturas do Barroso e Vilarinho Seco, no sopé da serra do Barroso, e as localizadas na parte mais baixa, junto ao rio Tâmega, casos de Veral e Fiães do Tâmega.

As características de Montanha estão intrinsecamente refletidas na história do Concelho, na sua cultura e tradições, nos seus hábitos comunitários e até na sua gastronomia. As mesmas características moldaram também a forma de ser do seu povo, habituado à rudeza destas regiões e à agressividade do seu clima, marcado

por invernos muito rigorosos e frios – onde a neve é uma presença constante – e verões extremamente secos e quentes.

Todas estas características, conjugadas entre si, fazem do concelho de Boticas um território único, com paisagens naturais de rara beleza e um ambiente no seu estado mais puro, ideal não só para a prática de desportos de natureza e aventura, mas também um território de eleição para o descanso e lazer, num contacto mais íntimo com a natureza.

Boticas é a Sedução da Montanha. Quem aqui vem uma vez deixa-se seduzir de imediato e torna-se um apaixonado por esta região, classificada como Património Agrícola Mundial.



O Parque de Natureza e Biodiversidade veio reforçar o aspeto sedutor de Boticas, reunindo num espaço mais restrito muitas das características do que é o nosso concelho, com particular ênfase nas espécies autóctones, quer animais, quer vegetais, num espírito de preservação e comunhão com a natureza. Este Parque conta com uma área aproximada de 30 hectares e é um espaço que apela ao lazer e ao contacto com a natureza, mas também à descoberta de um mundo tantas vezes desconhecido ou ignorado. É um espaço onde se respira vida e que permite descarregar muito do stress e agitação das rotinas do dia-a-dia. É um local adequado para caminhadas, passeios de bicicleta e outras actividades de lazer, como a pesca desportiva, ou simplesmente para descontrair e relaxar num contacto verdadeiramente puro com a natureza.

O Património Natural é o maior atrativo de Boticas, mas, o Concelho dispõe de um conjunto diversificado de equipamentos culturais e turísticos capazes de darem resposta às necessidades de todos quantos o visitam, garantindo um conjunto significativo e diversificado de actividades que possibilitam uma ocupação constante do tempo do visitante, assim este o deseja. É o caso, entre outros, do Centro de Artes Nadir Afonso, do Parque Arqueológico do Vale do Terva, do Centro Europeu de Desenvolvimento e Interpretação da Escultura Castreja, das Piscinas Municipais, do Campo de Minigolfe, etc.

Paralelamente, o Concelho dispõe de um património histórico muito rico, em particular o património religioso. Neste contexto, destaca-se, por exemplo, a Igreja Paroquial de Covas do Barroso, de traça



românica e integrada no roteiro do românico do Norte de Portugal, mas também as igrejas românicas de Sapiãos e de S. Bartolomeu, em Beça. Há ainda um conjunto vasto de igrejas, capelas e outras construções sacras de grande relevo no concelho, que vale bem a pena visitar, assim como algumas festividades e manifestações religiosas, a começar com as festividades em honra de Nossa Senhora da Livração, na sede do Concelho, que têm lugar no terceiro fim-de-semana de agosto, não esquecendo a romaria ao santuário do Sr. do Monte, em Pinho, ao Santuário de S. Salvador do Mundo, em Viveiro, e a Mesinha de S. Sebastião, em Dornelas, exemplo maior do espírito comunitário do povo barrosão, que tem sempre para oferecer o que de melhor a terra produz.

Boticas possui também uma gastronomia rica e muito apreciada, a começar pelos produtos cuja Denominação de Origem Protegida (DOP) é detida pelo Concelho, casos da Carne Barrosã e do Mel de Barroso. O fumeiro e outros enchidos derivados do porco, bem como o presunto e o Cozido Barrosão, são outras das iguarias mais apreciadas no concelho.

De entre a diversificada gastronomia do Concelho destacam-se ainda o Cabrito de Barroso e a Truta do Rio Beça, bem como o afamado “Vinho dos Mortos”, cuja história remonta ao tempo das invasões francesas, altura em que os habitantes de Boticas enterraram os seus bens mais preciosos, entre os quais o vinho, para evitarem serem espoliados pelos soldados de Napoleão, bem como as sobremesas e digestivos regionais onde o Mel marca presença, caso das Rabanadas com Mel e a Aguardente de Mel.



XXVII FEIRA GASTRONÓMICA DO PORCO

De 9 a 12 de janeiro de 2025, o Pavilhão Multiusos vai acolher a XXVII edição da Feira Gastronómica do Porco, o certame que mais visibilidade dá à vila de Boticas pela forma como divulga, promove e potencia os produtos endógenos do concelho e também da região do Barroso, classificada como Património Agrícola Mundial.

O evento tem vindo a conquistar um lugar de destaque entre os certames gastronómicos realizados na zona Norte do país pelo carácter impulsionador que proporciona a este território em termos económicos e turísticos. Por estes dias, o fumeiro tradicional, os enchidos e derivados do porco são reis e senhores para os milhares de pessoas que anualmente visitam a Feira. Todos aqueles que pretendam comprar e deliciar-se com o que de melhor há e se faz em Boticas são brindados com quatro dias de feira, onde a venda de fumeiro se une à gastronomia tradicional, permitindo desfrutar de uma experiência gastronómica de abrir o apetite ou deixar água na boca.

Tudo isto só é graças à conjugação e dedicação das gentes de Boticas a duas atividades ainda enraizadas no Concelho, a agricultura e a pecuária. A determinação e resiliência de quem permanece de alma e coração neste território são fundamentais para manter vivos estes saberes e sabores ancestrais. O segredo da qualidade dos produtos disponibilizados na feira é secular e tem passado de geração em geração desde a primeira edição da feira.

Porém, o certame vai além da venda de fumeiro e enchidos e conta também com a participação de stands de venda de produtos alimentares e artesanato e com muita animação musical dentro e fora do recinto, bem como com as bem conhecidas “Chegas de Bois”, tradição secular ainda bastante enraizada entre as gentes do Barroso e que “arrastam” verdadeiras multidões de aficionados.

www.cm-boticas.pt

XXVII FEIRA GASTRONÓMICA do PORCO

9 A 12 JANEIRO 2025

pavilhão multiusos **BOTICAS**

BOTICAS CÂMARA MUNICIPAL

PROJETO GIGANTES VERDES CONTINUA A EXPANDIR A ÁREA DE ATUAÇÃO

O Projeto Gigantes Verdes está a alargar as ações de conservação a dez novos municípios, com o objetivo de envolver ativamente as comunidades locais no mapeamento e preservação de árvores de grande porte. A expansão territorial abrange a Região do Vale do Sousa, as Serras do Porto e um conjunto de localidades pioneiras no distrito da Guarda.

Os concelhos de Penafiel, Paredes, Valongo, Gondomar, Lousada, Felgueiras, Paços de Ferreira, Seia, Manteigas, Fornos de Algodres e Sabugal são os mais recentes a integrar a iniciativa. “Embora regiões muito distintas, ambas enfrentam desafios sociais e económicos diferentes que impactam a gestão do território e da biodiversidade florestal”, refere a VERDE – Associação para a Conservação Integrada da Natureza, em comunicado de imprensa.

O Projeto Gigantes Verdes destaca-se por envolver as comunidades locais na conservação da floresta nativa portuguesa, mapeando árvores de grande porte que suportam inúmeros habitats de espécies ameaçadas e são vitais na mitigação dos efeitos das alterações climáticas, sequestrando grandes quantidades de carbono. Só em Lousada, onde o projeto teve início, é estimada a perda de 2% destas árvores anualmente, principalmente por ações que as valorizam mais quando são cortadas, como a urbanização, intensificação agrícola ou a extração de recursos florestais.

Esta iniciativa, que surgiu em 2018 e passou, em 2021, a ser cogerida pela VERDE, recebeu, recentemente, o prémio do Programa EDP Energia Solidária, num valor a rondar os 100 mil euros. O reconhecimento em questão valoriza e promove a expansão deste trabalho

que protege as chamadas “Gigantes Verdes” – árvores com mais de um metro e meio de perímetro de tronco medidos a 1,3 metros do solo – cuja presença é essencial para a biodiversidade local.

Com o apoio deste Programa EDP, a Associação expande assim a atuação, capacitando jovens, técnicos municipais e naturalistas, para mapear e caracterizar “Gigantes Verdes”, mas também para dinamizar ações de valorização do património natural. O objetivo passa por instruir pelo menos 100 embaixadores, dinamizar três caminhadas abertas ao público em cada concelho e assim mapear cerca de 7500 “Gigantes Verdes”, durante 12 meses.

A longo prazo, esperam alargar o projeto ao resto do território nacional e estão, desde já, recetivos a receber propostas de colaboração para expansão. “Para aqueles que têm interesse em saber mais e participar no projeto, disponibilizamos o Formulário Embaixador de Gigantes Verdes. Esta é uma oportunidade para participar no mapeamento de árvores de grande porte, receber formação especializada e ter acesso ao nosso mapa partilhado, onde é possível marcar as árvores no dia a dia”.



MIRADOURO DO UJO

É nas margens do rio Tua, já quase na sua foz no rio Douro, que se encontra um dos miradouros mais bonitos de toda a região de Trás-os-Montes e Alto Douro. O Miradouro do Ujo tem uma vista privilegiada sobre o vale do Tua, a partir da sua imponente estrutura em ferro da autoria do arquiteto Henrique Pinto e do Engenheiro Filipe Calisto.

Para chegar lá, a partir de Alijó, é bastante fácil. Basta seguir uns poucos quilómetros para sul, pela belíssima Estrada Nacional 212 e, já em S. Mamede de Ribatua, fazer um pequeno desvio pela Estrada Municipal 596.







TURISMO NO CENTRO DE PORTUGAL CONTINUA A CRESCER EM 2024

O turismo no Centro de Portugal tem vindo a consolidar-se como um dos motores económicos da região, destacando-se em 2024 por um crescimento que supera a média nacional. É o que revelam os mais recentes números divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).



Entre janeiro e setembro de 2024, o número de dormidas no Centro de Portugal ultrapassou os 6,5 milhões, o que representa um crescimento de 5,23% face ao mesmo período de 2023. Este aumento é particularmente relevante, dado que 2023 já havia sido o melhor ano de sempre para a região.

No que diz respeito aos proveitos dos alojamentos turísticos, os números também são expressivos. Entre janeiro e setembro, a região registou 401,4 milhões de euros em receitas, marcando um crescimento de 10,23% face ao ano anterior. Este desempenho sublinha não apenas o aumento do fluxo turístico, mas também uma tendência de valorização da oferta e de atração de um turismo de maior valor acrescentado.

O número de hóspedes no Centro de Portugal também apresentou um crescimento significativo, atingindo os 3,65 milhões no mesmo período, o que corresponde a um aumento de 5,96% em relação a 2023.

Para Raul Almeida, presidente da Turismo Centro de Portugal, estes resultados refletem uma estratégia sólida, “assim como o trabalho excecional dos agentes do setor, que têm sabido valorizar as potencialidades únicas da região”.

UM DESTINO EM ASCENSÃO

A evolução positiva do turismo no Centro de Portugal está intimamente ligada à diversidade e riqueza da oferta da região. Desde paisagens naturais deslumbrantes, a património histórico-cultural de elevado valor e uma gastronomia que atrai visitantes nacionais e internacionais.

A aposta contínua em estratégias de promoção, infraestrutura de qualidade e na preservação dos recursos naturais e culturais é a base para a consolidação deste crescimento no futuro. A região mostra ainda que é possível crescer de forma sustentável, mantendo um equilíbrio entre o aumento da atividade turística e a valorização do território.

ESCOLA AERONÁUTICA /AWA, 16 ANOS A FAZER CRESCER ASAS

AWA – AERONAUTICAL WEB ACADEMY, A ESCOLA PT.ATO.005
AWAT – AWA TECHNICS, ENGENHARIA E MANUTENÇÃO PT.CAO.051



Com mais de 16 anos de atividade, é importante referir que temos contribuído de forma séria e sustentada para a formação aeronáutica, a par de outras boas Escolas, colocando no mercado nacional e internacional Oficiais de Operações de Voo (OOV-FOO) e Pilotos de Linha Aérea (ATPL) que desempenham, de forma destacada pela qualidade do seu trabalho, as suas funções profissionais.

Tentamos contribuir de forma singela em número para a imensa necessidade de Pilotos de Linha Aérea necessários a nível mundial - fala-se em cerca de 800 mil vagas (!).

A AWA encontra-se no Aeroporto de Cascais (LPCS), no Hangar 15. Estamos nesta estrutura por convicção, desde o início da nossa atividade. Tivemos uma base operacional em Évora (LPEV), onde operámos enquanto entendemos ser necessário.

Dado que a AWA estabeleceu um numerus clausus conservador, sendo a única Escola/ATO que o assumiu perante a entidade reguladora (ANAC), para podermos garantir desta forma a conclusão dos cursos em 20-24 meses aos alunos que tenham bom desempenho para isso, consideramos ser importante operar no (e a partir do) Aeroporto LPCS, para qualquer outro aeródromo nacional onde diariamente escalamos e abastecemos as nossas aeronaves.

Não obstante, e para termos ainda mais possibilidades de corresponder aos alunos que nos escolhem, e que obedecem aos critérios de seleção, estamos em fase de escolha de mais um local apropriado para uma nova base operacional, que em breve anunciaremos, ainda antes de ser necessária ao cumprimento dos objetivos que traçamos.

Para além disso continuamos a inovar e a renovar, mas dentro dos tradicionais pergaminhos de qualidade e dedicação à formação aeronáutica. Ilustra bem esta nossa postura a recente renovação do H15 onde temos

a nossa atividade de Operações de Voo, de Engenharia e de manutenção, em espaço exclusivo da AWA (e AWA Technics).

Somos hoje uma Equipa multidisciplinar de cerca de 80 pessoas (FI's, Professores Teóricos, NP's, NP's "deputies", Staff da Secretaria, Staff das OPS/PLN, departamento Comercial, Gabinete de Psicologia, etc..) Costumamos dizer que a ponta da lança são as horas de voo. Mas para as cerca de 1500 horas de voo mensais que conseguimos produzir quando necessário, temos uma estrutura coordenada, uma espinha dorsal que, não sendo visível, mantém o foco no aluno de forma Discreta e Profissional.

Estamos onde e quando necessário, com a Sede em Figo Maduro, nas imediações do Aeroporto de Lisboa. Aqui temos grande parte das aulas teóricas e também um simulador de comunicações aeronáuticas. No Hangar no Aeroporto de Cascais (H15), como já referido, desenvolvemos as nossas operações de voo, mas aí operamos também o nosso simulador FNPTII/MCC.

Dispomos de mais de 20 aeronaves na nossa frota orgânica, mas teremos novidades em breve, na linha da modernização em curso.

Pessoas, recursos e saber fazer, tudo alinhado para o formar e preparar para a função. Venha conhecer a AWA e permita-se a fazer o exercício da comparação, na hora da escolha.

A bem da Aeronáutica.

Renato Pinheiro

AM - Administrador Responsável



NOVEMBRO, MÊS DAS CASTANHAS



A castanha tem uma importância histórica e cultural profunda em Portugal, sendo uma das protagonistas do outono e das tradições que marcam esta estação do ano.

O fruto da castanheira, que se desenvolve nos soutos das serras e montanhas do país, carrega consigo não apenas a magia de uma colheita que remonta aos tempos mais antigos, mas também a riqueza de uma gastronomia que se reinventa a cada estação.

A CASTANHA NA CULTURA PORTUGUESA

Portugal é um dos maiores produtores de castanha da Europa, com particular destaque para a região de Trás-os-Montes na produção de castanha de qualidade superior. Desde o início do outono, a castanha ganha protagonismo nas mesas e nos mercados, trazendo consigo um simbolismo de fartura e acolhimento. A tradição de colher castanhas tem uma longa história, especialmente nas regiões montanhosas, onde os castanheiros formam paisagens deslumbrantes e são parte integrante da economia local.

A colheita da castanha é uma celebração em muitas aldeias, uma ocasião em que a comunidade se reúne para partilhar a tarefa de recolher o fruto, enquanto partilham histórias e tradições antigas. Em algumas localidades, a castanha é até celebrada como uma forma de homenagear a terra e os trabalhadores do campo, que com esforço e dedicação, mantêm viva esta tradição agrícola.

O outono em Portugal é uma época de transição e de celebração das colheitas, sendo a castanha um dos seus ícones. Durante o mês de outubro, as castanhas amadurecem e são recolhidas, marcando o início de

uma série de festas populares e eventos culturais dedicados ao fruto.

A Festa da Castanha, realizada em várias regiões, é uma das festas mais tradicionais, especialmente em Trás-os-Montes, onde se realizam desfiles, feiras de produtos locais, animações musicais e, claro, degustações de pratos à base de castanha. Além das festividades em torno da castanha, há ainda eventos que celebram as artes e ofícios tradicionais, como o trabalho da madeira do castanheiro e a produção de cestos e utensílios de vime, algo muito comum nas aldeias do interior.

BENEFÍCIOS DA CASTANHA

Além do sabor e da tradição, a castanha é um alimento altamente nutritivo. Rica em hidratos de carbono, proteínas e fibras, é uma excelente fonte de energia. As castanhas são também uma boa fonte de vitaminas e minerais, como vitamina C, potássio, magnésio e ferro, o que as torna um superalimento para fortalecer o sistema imunológico, especialmente durante o outono e inverno.

A castanha tem baixo teor de gordura saturada e é considerada uma excelente alternativa às castanhas de caju ou às nozes, por ser mais acessível e saborosa. Tem um valor nutricional elevado, sem ser demasiado calórico, o que a torna um snack ideal para todas as idades.

ESTRATÉGIAS PARA “CONSTRUIR O TURISMO DO FUTURO” DEBATIDAS EM AVEIRO

Como “Construir o Turismo do Futuro” foi o mote da conferência que se realizou este mês em Aveiro, numa iniciativa promovida pelo Turismo de Portugal. Sob a presidência de Pedro Machado, Secretário de Estado do Turismo, o evento foi palco para o debate acerca da nova Estratégia Turismo 2035.



A Estratégia Turismo 2035, que sucede à anterior Estratégia Turismo 2027, pretende ser um referencial “estratégico atualizado para enfrentar os desafios emergentes no setor do turismo, tanto a nível nacional como global”, refere o Turismo do Centro em comunicado. Trata-se de um processo que envolve uma “ampla colaboração entre parceiros públicos e privados, incentivando a participação ativa de entidades que pretendam ajudar a definir as prioridades para o turismo em Portugal”.

Na sessão de abertura da conferência, o Secretário de Estado do Turismo, destacou o crescimento expressivo do turismo em Portugal, que irá ultrapassar os 27 mil milhões de euros de receitas ainda este ano, meta anteriormente prevista para 2027. “O Turismo é uma atividade que cresce em todo o mundo. Há cerca de 30 anos, o número de pessoas que viajavam era de 500 milhões de pessoas; atualmente dão 3 mil milhões. Isto é uma oportunidade para o nosso país, embora seja também um desafio”, afirmou Pedro Machado.

Raul Almeida, Presidente da Turismo Centro de Portugal salientou a importância de “um Plano de Mobilidade, que permita direcionar os fluxos turísticos que chegam aos aeroportos de Lisboa e Porto para todo o país.”

Já as linhas-mestras da Estratégia Turismo 2035 foram apresentadas por Carlos Abade, Presidente do Turismo de Portugal, que destacou o peso crescente do setor na economia nacional, e apresentou dez desafios prioritários para o futuro do setor, incluindo “o fortalecimento da relação entre turismo e as comunidades locais, o reforço das competências de gestão, o aproveitamento da tecnologia, e a promoção de um turismo responsável e inovador.”

O ciclo de conferências “Construir o Turismo do Futuro” teve início em Lisboa, a 3 de outubro, e terminou o seu percurso pelo país em Faro, dia 25 de novembro.

FESTAS DOS SOLSTÍCIOS EM MIRANDA DO DOURO: CELEBRAÇÕES RITUAIS E CULTURA ANCESTRAL

As festas solsticiais são uma parte fundamental do calendário festivo na Terra de Miranda. Mantendo viva uma rica tradição cultural, estas celebrações associam elementos cristãos e pagãos, com figuras mascaradas, danças, peditórios e rituais de passagem, que evocam um passado distante. Entre as mais conhecidas encontram-se a Festa de Santa Luzia, a Festa dos Moços e a Festa do Menino, realizadas em diferentes aldeias de Miranda do Douro, mantendo viva a identidade única desta região.

Festa de Santa Luzia - L Bielho i la Galdrapa (São Pedro da Silva)

A Festa de Santa Luzia, também conhecida por Fiesta de l Bielho i la Galdrapa, marca o início das festividades solsticiais com mascarados na Terra de Miranda. Celebrada em São Pedro da Silva, a festa envolve uma ronda de peditório pela aldeia. O cortejo é composto por várias figuras tradicionais: o Velho, a Galdrapa, os Bailadores, os instrumentistas e os mordomos.

O ritual é recheado de humor e simbolismo. O Velho tenta forçar os moradores a beijar São Ciprião enquanto suja os seus rostos, numa demonstração de caos festivo. No entanto, o seu estado é influenciado pelo excesso de vinho e a sua idade avançada, resultando em várias quedas, ao que a Galdrapa responde com insultos, enfatizando a sua inutilidade. Esta dinâmica entre o Velho e a Galdrapa, embora cômica, reflete uma crítica social através da paródia e do exagero.

Festa dos Moços - Fiesta de San Juan (Constantim)

Realizada entre 27 e 30 de dezembro em Constantim, a Festa dos Moços ou Fiesta de San Juan Evangelista é outro marco importante das celebrações solsticiais. A figura do Carochó faz a sua primeira aparição pública quando a fogueira da festa é acesa, acompanhado pela Bielha, os pauliteiros e instrumentistas.

O ritual principal consiste na ronda de peditório, onde a comitiva vai de casa em casa, oferecendo tremoços e castanhas cozidas e recolhendo esmolos. Em troca, os mordomos, pauliteiros e o Carochó dançam o lhaço, realizando acrobacias e tropelias. Após a ronda, é celebrada uma missa, durante a qual os pauliteiros executam o “Señor Mio”. A festa termina com um baile-convívio e um jantar comunitário, durante o qual os mordomos passam secretamente o testemunho para o ano seguinte.

Festa do Menino - Fiesta de l Menino (Vila Chã de Braciosa)

A Festa do Menino, realizada a 1 de janeiro em Vila Chã de Braciosa, encerra o ciclo das festividades solsticiais. Esta celebração de origens antigas, que remonta a rituais pagãos de plenilúnio, foi adaptada ao culto cristão em honra do Menino Jesus.

As figuras rituais da Velha, o Dançador e a Bailadeira percorrem a aldeia, recolhendo donativos ao som de gaitas de foles, caixa e bombo, numa ronda de peditório tradicional. Após a missa e a procissão, a comunidade reúne-se para dançar o “Repasseado”, no adro da igreja. A festa culmina com a Fogueira do Menino, que arde ao anoitecer, encerrando o ciclo de celebrações com um momento de despedida das figuras rituais.

www.cm-mdouro.pt



COR E TRADIÇÃO SAEM À PRAÇA COM OS CARETOS DE TORRE DE DONA CHAMA

A Festa de Santo Estevão, celebrada, nos dias 25 e 26 de dezembro, em Torre de Dona Chama, em Mirandela, tem o Careto como uma das principais figuras. Vestido com um traje de retalhos colorido, adornado com franjas de lã e chocalhos de latão, e com uma máscara também de latão pintada de vermelho e/ou preto, o Careto representa a folia e os excessos das Festas de Inverno.

A celebração começa no dia 25, com a ascensão de uma fogueira e um convívio comunitário, que dura a noite toda, com comida e bebida compartilhada. Durante esta noite, acontecem os “Jogos à Praça”, onde são atribuídas alcunhas aos habitantes da vila, em tom de sátira, e uma convocatória simbólica para a batalha do dia seguinte. As pessoas vão de casa em casa dizendo: “Manda El-Rei meu senhor... amanhã sairá com seus jogos à praça”. Também ocorre o “roubo dos burros”, atualmente uma representação teatral do roubo da cavalaria moura pelos cristãos, e o desfile das Madames, homens vestidos de mulheres e mulheres de homens, com o objetivo de divertir a população.

No dia 26, após a missa em honra de Santo Estevão, celebra-se a “corrida da Mourisca”, a grande batalha da festa. Este cortejo, que vai da Igreja ao Largo, representa a luta entre cristãos e mouros. O Rei e a Rainha Moura são seguidos pelas Mouriscas, pelos Caretos e pelos Caçadores, que tentam capturar os mouros. Os Caretos impedem o avanço dos cristãos com as varas, enquanto as Mouriscas capturam os caçadores. Quando isto acontece, o caçador apanhado volta ao respetivo ponto inicial, antes da barreira dos Caretos. A corrida repete-se até o cortejo chegar ao Castelo, que é queimado no final, simbolizando a vitória cristã e a reconquista.

www.cm-mirandela.pt

FESTA DOS CARETOS
SANTO ESTEVÃO

25 26
DEZEMBRO

20H30 - "MANDA EL REI MEU SENHOR" QUE SAIAM OS JOGOS À PRAÇA
01H00 - COMIDAS E BEBIDAS JUNTO À FOGUEIRA
07H00 - SAÍDA DA CIGANADA
08H00 - SAÍDA DAS "MADAMES"
14H30 - MISSA EM HONRA DE S.TO. ESTEVÃO, COM A TRADICIONAL BÊNÇÃO DO PÃO
15H30 - SAÍDA DA "MOURISCA" E QUEIMA DO CASTELO

EXPOSIÇÃO DE MÁSCARAS NA GALERIA DA PRAÇA CENTRAL

TORRE DE DONA CHAMA

MIRANDELA



“MÁRIO SOARES, 100 ANOS”

No próximo dia 7 de dezembro, Mário Soares celebraria cem anos de vida. Para assinalar a data, a Tinta-da-China e o Colégio Moderno acabam de lançar o livro “Mário Soares, 100 Anos”, com fotografias de Alfredo Cunha e Rui Ochoa e textos de Clara Ferreira Alves.

“Mário Soares amava Portugal e amava a vida, e nunca deixou que a adversidade — e teve muitas: a prisão, a perseguição, o exílio, a solidão, a incompreensão, a ingratidão — perturbasse a linha reta por onde marcou uma passada segura e feliz. Viveu. Viveu bem, com gosto, com elevação, com compunção. Com devoção a uma causa, a liberdade dada pela democracia. Deveria dizer antes, a felicidade dada pela democracia.”

É desta forma que Clara Ferreira Alves descreve Mário Soares, logo na abertura deste livro, onde vemos retratada uma vida que, “indelevelmente, se cruza com a história de Portugal”, como refere a editora em comunicado. E, de facto, será muito difícil encontrar



outro nome na nossa história política contemporânea que se compare a Mário Soares. Ideologias à parte, serão pouquíssimos aqueles que não admitam que foi alguém que esteve sempre, nos momentos mais decisivos, no lado certo da história do país.

A jornalista não tem dúvidas de que Mário Soares foi único e insubstituível enquanto político, “uma personagem europeia, cosmopolita, de uma Europa culta onde tinha amigos como François Mitterrand, Willy Brandt ou Václav Havel. E uma personagem mundial para ombrear com um Nelson Mandela ou um dos presidentes americanos.”

Este livro divide-se entre o protagonista político, com a enorme visibilidade pública e a relevância internacional que se lhe reconhece, vastamente documentada em retratos, fotografias e reportagens, e o homem privado, com os seus objetos quotidianos, os seus afetos e interesses, numa recolha fotográfica inédita do seu espólio e também dos espaços onde viveu, incluindo a casa no Campo Grande, em Lisboa.

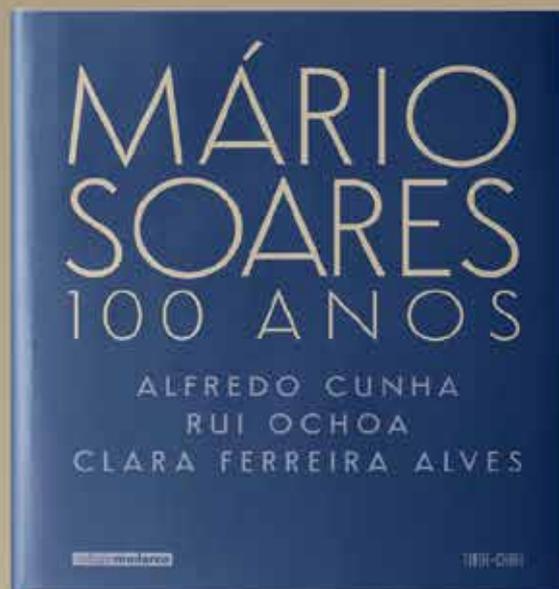
São mais de duzentas fotografias aqui reunidas, da autoria de Alfredo Cunha, amigo e fotógrafo oficial do antigo Presidente da República, entre 1986 e 1996, e também de Rui Ochoa. Os textos, como já referimos, são de Clara Ferreira Alves, que tantas vezes o entrevistou e com quem tinha uma relação próxima e uma profunda admiração, a qual nunca esconde aliás.

Uma intimidade que se revela na sensibilidade deste excerto:

“Estranhamente, quando alguém próximo nos morre, é das minudências que nos lembramos, não dos gestos heroicos, não dos gestos históricos e imbuídos de grandeza e precisos na definição do caminho de um país. Recordamos pequenas graças do quotidiano, que humanizam quem as vive e quem as viu.”



CENTENÁRIO DE MÁRIO SOARES
LIVRO CELEBRA
A GRANDE FIGURA POLÍTICA
E O HOMEM PRIVADO



Com fotografias de **Alfredo Cunha** e **Rui Ochoa**, e textos de **Clara Ferreira Alves**.

228 páginas
PVP €90
N.º 1 fevereiro a
21 de Novembro

A 7 de Dezembro de 2024, Mário Soares celebraria 100 anos de vida. Para assinalar a data, a Tinta-da-china vai publicar, em parceria com o Colegial Moderno, o livro *Mário Soares, 100 Anos*, que reúne fotografias de **Alfredo Cunha**, que foi amigo e fotógrafo oficial do político português durante o tempo em que foi presidente da República, e **Rui Ochoa**. Os textos são de **Clara Ferreira Alves**, escritora e jornalista, que tantas vezes o entrevistou e escreveu sobre ele.

Com mais de duas centenas de fotografias, *Mário Soares, 100 Anos* é um álbum completo da vida pública e política de Mário Soares, mostrando-o em cerimónias oficiais a de Estado, junto de outros líderes, e em comícios e campanhas. Paralelamente, revela o lado mais íntimo e privado do ex-presidente, com a sua vida interior feita de afetos, objectos quotidianos e interesses, retratados através de uma recolha fotográfica inédita do seu espólio pessoal e dos espaços que habitou, incluindo a casa no Campo Grande, em Lisboa.



Alfredo Cunha (Célerico da Beira, 1953) começou a carreira profissional ligado à publicidade e fotografia comercial em 1970. A partir de 1971, colaborou com diversas revistas e jornais, tendo sido editor de fotografia em meios de comunicação como o *Público* e a agência *Global Notícias*. A sua primeira grande reportagem foi sobre os acontecimentos do dia 25 de Abril de 1974. Foi fotógrafo oficial dos presidentes da República António Figueiredo (1976-1978) e Mário Soares (1985-1996). Actualmente, trabalha como freelancer e desenvolve vários projectos editoriais. Alfredo Cunha recebeu diversas distinções e homenagens, destacando-se a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique (1995) e as menções honrosas no Euro Press Photo 1994 e no Prémio Fotójornalismo Visões 2007 e 2008. Realizou várias exposições individuais e colectivas e já publicou dezenas de livros.



Rui Ochoa (Porto, 1948) iniciou a sua actividade profissional como jornalista e fotógrafo nos anos 70, no *Jornal de Notícias*. A partir de 1980, começou a sua colaboração no *Expresso*, onde foi editor e director de Fotografia. É autor de múltiplas reportagens em Portugal e no resto do mundo. É autor e co-autor de múltiplos livros, nomeadamente *Soldão e Poder: Os últimos dias de Francisco Sá Carneiro* (com Maria João Avillez), *God Bless América* (com Urbano Tavares Rodrigues) e *Afetos* (testemunho da campanha eleitoral de Marcelo Rebelo de Sousa para a Presidência da República). Está representado no Arquivo Nacional de Fotografia do Ministério da Cultura com três trabalhos. Já recebeu diversas distinções e homenagens, destacando-se o Prémio Society for News Design nos EUA e a condecoração com a Ordem de Mérito – Grau Oficial (2021). É o fotógrafo oficial do presidente da República.



Clara Ferreira Alves é escritora e jornalista. Licenciada em Direito pela Universidade de Coimbra, trocou a advocacia pela escrita. Foi editora e redatora principal do jornal *Expresso*. Fez grande reportagem, jornalismo de guerra e foi editora e crítica literária. Foi directora da Casa Fernando Pessoa e da revista literária *Tobocaris*. É autora de programas culturais e documentários na televisão e do programa de comentário político *Eixo do Sul* (SIC Notícias). Foi membro do Conselho Geral da Universidade de Coimbra, do júri do German Marshall Fund em Portugal e do júri do Prémio Ibérico de Estranheza. É membro do júri do Prémio Pessoa. Publicou em livro *Plúmia Caprichosa* (crónicas), *Estado de Guerra* (ensaio) as ficções *Passageiro Asséado* e *Mala de Senhora*. Mais recentemente, lançou o romance *Pai Nossa* (2015) e duas colecções de ensaios: *Canas da Vida Americana* (2017) e *Os Suspeitos do Costume: O mundo no século XXI*.

CAMINHO MINHOTO RIBEIRO 'RESPIRA' HISTÓRIA

O Caminho Minhoto Ribeiro é um dos mais antigos percursos de peregrinação a ligar o distrito de Braga a Santiago de Compostela. Na maior parte da rota segue calçadas romanas e caminhos medievais, muitos deles usados pelo exército durante a Guerra da Restauração.

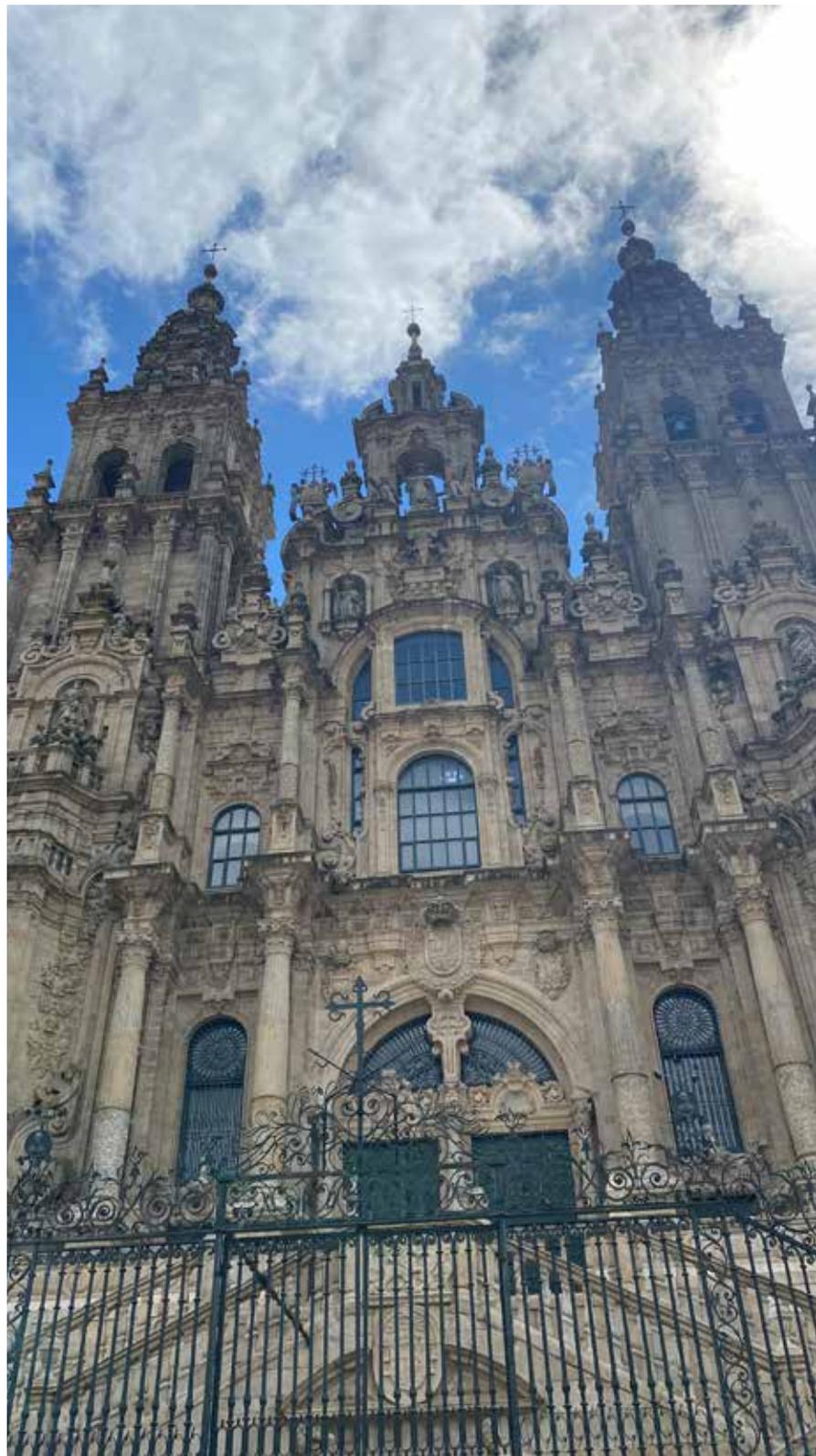
Com dois itinerários a partir de Braga, o Caminho Minhoto Ribeiro atravessa, em Portugal, Vila Verde, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez, Monção e Melgaço.

Este caminho “está repleto de histórias e de um património riquíssimo, entre hospitais, mosteiros, igrejas, capelas, cruzeiros, pontes medievais e romanas, adegas históricas, achados arqueológicos e nascentes termais”, refere o município de Monção.

Já a Asociación Camino Miñoto Ribeiro descreve a natureza que acompanha os peregrinos até ao destino como sendo de “uma riqueza magnífica”.

Para além de ser um caminho de boas e distintas águas é, também, de vinhos sublimes. A “rota tradicional do transporte do vinho do Ribeiro, numa relação com Santiago que tem séculos de história”, remonta, pelo menos em termos de referências encontradas, ao século XII.

O Caminho Minhoto Ribeiro, que se estende por cerca de 75 quilómetros em Portugal e 173 quilómetros em Espanha, tem três entradas em território galego. O principal, que parte de Braga, passa por Vila Verde, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez, Monção, Melgaço, Padrenda, Pontedeva, Cortegada, Arnoia, Castrelo de Miño, Ribadavia, Beade, Leiro, O Carballiño, Boborás, Beariz, Forcarei, A Estrada, Vedra e Boqueixón, antes da chegada a Santiago de Compostela. Também há a possibilidade de partir de Braga, passar por Ponte da Barca, Ernelo, Lindoso, Baixa Limia, Lobios, Entrimo e Castro Laboreiro, onde se une com o itinerário principal. Por fim, é possível ir de Terras de Bouro, à vila de Lobios, a Entrimo e a Castro Laboreiro,



Vila Verde é Natal

MERCADO DE NATAL

14 a 24 dezembro - Vila Verde
Artesanato e Produtos Locais

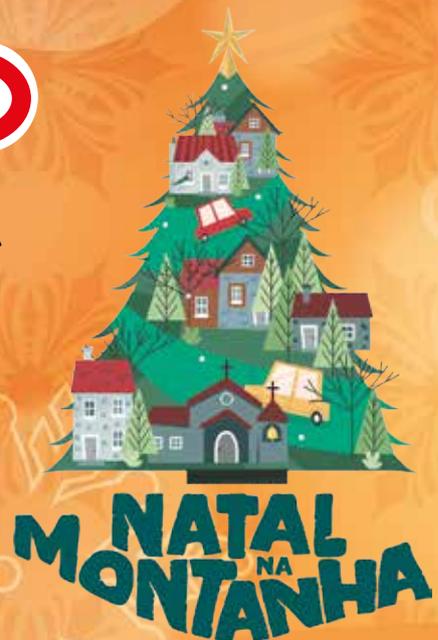
PAI NATAL EM VILA VERDE

21 e 22 dezembro
Musical na Adegas Cultural
Animação, Insufláveis, Bolo-Rei...

NATAL NA MONTANHA

Gontinho - Ribeira do Neiva
13-15 dezembro

Mercado . Animação
Tasquinhas . Comboio
Concertos . Arraial
Parada de Natal



COMPRE NO COMÉRCIO LOCAL
Vila Verde, Prado, Pico de Regalados, Ribeira do Neiva e Vade

Vila Verde
Município
mais próximo das pessoas

Máscaras de Mogadouro

Tradições ancestrais do Solstício de Inverno

25 DEZ



Careto e Velha de Valverde

25 DEZ



Velhos de Brusó

25 DEZ
1 JAN



Velho Chocalheiro de Vale de Porco

1 JAN



Farandula de Tó e a Festa do Menino

6 JAN



Mascarão e Mascarinha de Vilarinho dos Galegos

26 DEZ
1 JAN



Chocalheiro de Bemposta